

Empty Sonhos

MICHEL LAGERLÖF

Editora Penalux

Guaratinguetá, 2022

Epígrafe

O que é aquela mancha preta
na minha parede – parece um
fantasma; todo feito de solidão.

Consultório dentário

Muitas coisas acontecem na escuridão.
Um Chagall se mexe repentino, uma anestesia
cruza-lhe os lábios. Felpos
e suor de sangue.

O braço manchado.

E recomeça a escrever, consciente sobre a alma,
a alma florida, somente um íntimo medo,
silencioso, lhe faz companhia.

Toda alma é escura.

Mas Chagall pincela – ruge sua tinta feroz
contra a noite escura.

Perdão,
mas existem coisas estranhas
na poesia. Às vezes ela fala.
Às vezes ela vibra.

Um casal encontra-se no olhar.
Ele, anos sessenta, elegante, tira
o chapéu.
Ela, vinícola fendida entre os lábios,
convidam os meus.

Um som. Um sinal. A única
coisa que se escuta na escuridão. NÃO!
Tudo se cala ante meus domínios.
A broca, a broca dentária.
Nenhum invasor de palavras...
não, não, não... tudo ao seu tempo.

Um bule de chá. Flores. A água fervendo.
Uns olhos quentes
e grisalhos; uma avó – sim, é dela que
nasce toda a poesia. Um eu ancestral.
Um quase eu. Uma quase palavra.

E todos os sentimentos. Um
quase em – quaisquer, que
apenas me olham.

Ave sorrisos!
Minas Gerais é uma fotografia no canto da sala.

Saudade. A existência é quase
uma saudade. Uma inflamação.

– Não sei que horas são.
– Por quê? Nada nunca passou.

O consultório dentário. Tudo
é uma coisa só.

E quando escuto um espanto,
não, não é a poesia. É outra voz que
fala – cacofonias.

A existência fora desse lugar me
parecem cacofonias.

É como se uma cidade se apoiasse
numa flor de casco. Perdão, eu tive
uma anestesia.

Um consultório dentário.
Alguma coisa se desfez,
alguma coisa fora do controle, perdão,
quebrou meu dente, merda,
caiu no chão.

Nasceu a poesia.

Frogger, o cartucho

Às vezes nos enganamos
com a vida, somos um caminhão
de plástico entrecruzando o asfalto,

uma avenida de margarida,
que me pergunta todo dia
*Que t'es tu tatoué
sur la peau?*

Roubou-me agora
um sorriso, menina,
ambrosia tua voz

– Flerte na rua
Octavio Augustus –

eu sou o sapo
que precisa atravessar a rua.

Lo-fi chiptune file.
Essa música me faz
recordar que vens aqui

amanhã – nunca nos
conhecemos, mas sentimos
falta um do outro.

Devo fazer torradas,

porque toda vez que abro a porta,
e vejo a rua me esperando,
não sei como me atravessar.

És um ventríloquo louco a rir de mim

Às vezes choro também.
É inevitável. Porque – afinal,
sou uma boneca feita de linguagem.

Um hífen de brinquedo que tropeça
e cai no aéreo indizível de la
bruja, brujería – que me olha escuro,

a maga augusta,
quitanda quitandeira,
que tanta besteira,
que se passa no meu coração.

A cada um é preciso escutar Slayer,
como alguém que desce aos infernos
depois de Rimbaud.

Maquinários e Suicidas
costurados e mal-amarrados
– e pendurados, sobre a cruz
de toda existência.

Sou alguém que fala mal de deus,
sempre preferi as deusas.

Sou um brinquedo feito de alfinete
e de areia, que se quebra a cada

pedra, a cada estrondo
que me foge ao meu corpo,
mas – por favor, sem mais
mentira minha

– costurada
danificada
na vértebra e na espinha.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Bembo Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em outubro de 2022.
